



Jazigos pelos Caminhos de Portugal: O seu passado e o seu futuro

Discente: Ana Sofia Batista Martins

Nº 23056 / 1º Ano / Turma B

Mestrado em Conservação e Restauro

Professor: Jorge Mascarenhas

Património Arquitetónico

Tomar, janeiro de 2024

Índice:

1. Introdução	2
2. O surgimento dos cemitérios	4 e 5
3. O aparecimento dos jazigos.....	5 e 6
4. Os jazigos na sociedade.....	6 e 7
5. Ameaças aos jazigos.....	7 e 8
6. Conservação e restauro.....	8 e 9
7. Contextualização histórica dos jazigos escolhidos.....	9 a 13
8. Características artísticas dos jazigos.....	13 a 19
8.1 Jazigo 1.....	13 a 15
8.2 Jazigo 2.....	15 a 17
8.3 Jazigo 3.....	17 e 18
8.4 Jazigo 4.....	18 a 19
9. Características do sistema construtivo.....	19 e 20
10. Ficha de caracterização.....	21
11. Conclusão	21 e 22
12. Bibliografia.....	22 e 23
Anexos.....	24 a 27

1. Introdução

Ao longo da história, o modo como a sociedade lida com a morte e os rituais funerários tem evoluído, refletindo mudanças culturais e sociais. Este trabalho explora o fascinante universo dos cemitérios, destacando o surgimento desses locais e a subsequente introdução dos jazigos como elementos distintivos. Além de analisar o papel significativo dos jazigos na sociedade, irá examinar-se as ameaças que enfrentam, a importância da conservação e do restauro para a sua preservação e a contextualização histórica dos jazigos escolhidos para este estudo.

Partindo da análise das características artísticas dos jazigos, irá explorar-se como essas estruturas refletem a estética e os valores da época em que foram construídas. Irá abordar-se ainda as particularidades do sistema construtivo destes monumentos funerários, destacando elementos arquitetónicos e estruturais que contribuem para a sua singularidade.

As fichas de caracterização forneceram uma visão mais detalhada dos jazigos selecionados para este estudo, oferecendo informações cruciais sobre a sua origem, estilo, e condições atuais. Ao percorrer estes diversos aspetos, o trabalho busca lançar luz sobre a importância histórica, cultural e artística dos jazigos, evidenciando a necessidade de preservação e compreensão destes monumentos que, muitas vezes, são testemunhas silenciosas de períodos passados.

Este trabalho foi desenvolvido na Unidade Curricular de Património Arquitetónico, assente num trabalho de pesquisa escrito, que faz parte do plano curricular de Mestrado em Conservação e Restauro, do Instituto Politécnico de Tomar, lecionada no ano letivo de 2023/ 2024, com orientação do docente da Jorge Mascarenhas.

2. O surgimento dos Cemitérios

Ao longo dos séculos, as igrejas em Portugal desempenharam o papel de cemitérios. No entanto, no século XIX, houve uma mudança significativa com o estabelecimento de cemitérios públicos, estes novos locais foram concebidos para situar-se fora das igrejas e das áreas urbanas, tendo a implementação desta nova prática de sepultamento encontrado grande resistência social.^[1]

O constante aumento da população e a permanência de práticas de higiene deficientes, tornaram fácil as propagações de epidemias e obrigaram a criação deste novo tipo de cemitérios; estando os locais tradicionais de inumação, sem condições e progressivamente lotados, causando danos à saúde pública, principalmente aquando de grandes mortandades (pela dificuldade em encontrar sepulturas vagas).^[1]

Foi nos finais do século XVIII que uma das primeiras legislaturas apareceu no sentido de afastar os cemitérios das zonas habitacionais, quando o Marquês de Pombal implementou reformas em Portugal que afetaram a gestão dos cemitérios. As reformas pombalinas buscavam separar a esfera religiosa da civil, impactando a organização dos cemitérios.^[1]

Ainda assim, muito tempo passaria até à sua concretização legal, sendo apenas em 21 de setembro de 1835 publicado o decreto que criava oficialmente os cemitérios públicos, proibindo inumações nas igrejas e igualmente, dentro das povoações; a chamada Lei de Sepulturas de 1835, foi um marco importante na criação de cemitérios em Portugal. A legislação, conhecida como a Lei da Separação das Igrejas do Estado, foi crucial para a secularização da gestão dos cemitérios, transferindo a responsabilidade para as autoridades civis, buscando também regulamentar as práticas funerárias.^[2]

Todavia, o Decreto de 1835 não foi suficiente, a tentativa de forçar a criação de cemitérios decentes e modernos, juntamente com outras leis, apenas incitou tumultos que originariam na Maria da Fonte.^[2]

Vários foram os motivos que sistematicamente empatarem o cumprimento das disposições legais sobre o assunto. Alguns deles como a falta de dinheiro das entidades encarregues de criar os cemitérios públicos, como Câmaras Municipais e as Juntas das Paróquias, frequentemente com poucos recursos e em muitos casos não possuindo sequer terrenos próprios convenientes. Outros foram de ordem religiosa, isto é, a resistência ao enterramento longe da igreja, que os legisladores portugueses tentaram resolver concebendo os cemitérios públicos como católicos a priori, sendo todos benzidos convenientemente. Até por motivos estéticos e sociais, sendo muitas vezes, os novos cemitérios criados em terrenos provisórios, sem qualquer preparação.

No final do século XIX e início do século XX, os cemitérios modernos foram estabelecidos em Portugal. Esses cemitérios foram projetados para atender às necessidades crescentes das populações urbanas e refletiram mudanças nas práticas funerárias e na arquitetura cimiterial. Hoje, os cemitérios em Portugal são administrados por autoridades municipais ou por empresas privadas sob regulamentação governamental. Eles desempenham um papel importante não apenas como locais de sepultamento, mas também como espaços culturais e históricos, muitas vezes abrigando monumentos e mausoléus que refletem a história e a arte do país.

3. O aparecimento dos jazigos

Sendo o século XIX marcado de grandes modificações sociais, políticas e económicas, carregado fortemente por ideologia, no meio de movimentos de carácter nacionalista, com revoluções industriais e todos os problemas que a caracterizam; não será de estranhar que tenha aparecido um movimento que utiliza as inovações técnicas e torna-se uma verdadeira fuga ao real, como se pode ver nos revivalismos, orientalismos e jardins à inglesa, um pouco por toda a Europa, este movimento foi chamado de Romantismo.^[3]

Tal como o Neoclassicismo baseia-se no passado, valorizando a Idade Média e os estilos artísticos que a caracterizam, utilizando-os como reflexo dos nacionalismos emergentes, sendo no caso de Portugal o Neomanuelino o estilo predileto. O avanço da história como uma disciplina académica crucial e a popularidade dos romances de cavalaria, que retratam uma Idade Média idealizada, contribuíram para difundir os historicismos medievais. Essa tendência é marcada por um apreço pelo individualismo, destacando sentimentos, emoções e genialidade.^[4]

Uma característica proeminente do Romantismo residiu na necessidade de preservar a memória dos falecidos por meio de diversas celebrações, destacando-se a construção de túmulos que perpetuamente exaltem as virtudes daqueles que partiram. No decorrer da evolução das mentalidades no século XIX, as memórias sepulcrais tornaram-se cada vez mais associadas à ideia de "família", distanciando a própria morte do escopo visual e olfativo.^[5]

O cemitério romântico é moderno e com pompa burguesa, expressava visualmente e de forma “limpa” aquilo que a morte e a saudade tinham de mais cruel, numa tentativa de esconder o lado carnal da morte. Uma das principais ênfases do Romantismo reside em converter a experiência da perda em algo esteticamente belo. Busca-se transformar o luto em uma homenagem, perpetuando a memória da pessoa falecida. O objetivo primordial é lembrar dessa pessoa não como um cadáver, mas como alguém dotado de virtudes ou que realizou feitos significativos.^[5]

Os cemitérios modernos, com jazigos individuais ou familiares, tornaram-se mais comuns a partir do século XIX, quando as práticas funerárias e as atitudes em relação à morte começaram a mudar em várias partes do mundo, especialmente nas sociedades ocidentais.^[5]

A palavra "jazigo" tem origens latinas e deriva do verbo "jacere", que significa "jazer" ou "repousar". Ao longo da história, o conceito de jazigo, referindo-se a um local de sepultamento, tem evoluído. Em muitas sociedades antigas, túmulos e mausoléus serviam como locais de descanso final para os falecidos, muitas vezes associados a figuras importantes, como líderes, reis ou personalidades influentes. A ideia de jazigos individuais ou familiares, onde os restos mortais são colocados, desenvolveu-se ao longo do tempo, variando em forma e função.^[6]

4. Os jazigos na sociedade

Os jazigos desempenham um grande papel nas sociedades, muitas vezes associados a práticas funerárias e memoriais.

Tendo um papel de preservação da memória de entes queridos, marcados por lápides, monumentos ou outros tipos de memorial; sendo que a maneira como são utilizados e o tipo de estruturas erigidas neles muitas vezes reflete tradições culturais e religiosas específicas, tendo diferentes sociedades e religiões práticas distintas relacionadas ao sepultamento e ao cuidado dos mortos.

Em muitos casos, os jazigos são projetados e construídos de maneira a refletir expressões artísticas e arquitetónicas. Eles podem ser ornamentados com esculturas, relevos, vitrais e outros elementos que representam a cultura, a religião ou a personalidade da pessoa sepultada. Além de servirem como locais de sepultamento, também funcionam como espaços comemorativos, sendo visitados por amigos e familiares que desejam prestar homenagens, recordar memórias ou realizar rituais em memória do falecido.

No entanto, em áreas urbanas densamente povoadas, a falta de espaço para cemitérios tradicionais e jazigos individuais tem levado a abordagens mais sustentáveis, como cemitérios verticais e crematórios. Os avanços tecnológicos têm vindo a impactar também a forma como a sociedade lida com jazigos e sepultamentos, uma vez que soluções digitais para memorial começaram a aparecer, como websites de homenagem virtual e opções inovadoras, como cápsulas biodegradáveis para cinzas.

Ainda assim, em algumas sociedades, os cemitérios tornaram-se locais de interesse cultural, muitas pessoas visitam cemitérios, não apenas para homenagear os mortos, mas também com a intuição de apreciar a arte, a arquitetura e a história associadas a estes locais.

Ou seja, os jazigos não só desempenham um papel multifacetado nas sociedades, influenciando e sendo influenciados por aspetos culturais, religiosos, artísticos e tecnológicos; como também a maneira como uma sociedade aborda o sepultamento e a preservação da memória pode variar amplamente com base em fatores locais e culturais.

5. Ameaças aos Jazigos

A preservação de jazigos, como testemunhos tangíveis da memória e da história, enfrenta diversas ameaças que podem comprometer a integridade desses locais de repouso. Desde mudanças nas práticas funerárias até desafios urbanísticos e ambientais, os jazigos estão sujeitos a uma série de pressões que podem resultar no seu desaparecimento ou deterioração.

Explorar as ameaças que pairam sobre estes lugares de descanso oferece uma perspetiva crucial sobre a importância contínua da conservação e da conscientização em relação ao património cultural e histórico associado aos cemitérios.

Um dos fatores mais comum é a falta de manutenção ou abandono pela família ou comunidade, se um jazigo não é mantido adequadamente ao longo do tempo, pode entrar em estado de deterioração simplesmente devido às condições climáticas onde esta inserido; em alguns casos, questões legais ou disputas de propriedade são os responsáveis pelo seu abandono, sendo que não havendo uma pessoa ou entidade responsável pela manutenção, os jazigos claramente serão negligenciados.

Ainda que, muitas vezes apesar das entidades terem tudo legalizado trata-se apenas de uma questão de dificuldade de disponibilidade financeira para aplicar, uma vez que sendo geralmente entidades públicas ou de cariz social, nem sempre há disponibilidade económica e quando há é dirigida para “problemas de força maior”.

O crescimento urbano e a expansão das áreas urbanas são outra causa, podendo levar à remoção de cemitérios antigos para dar lugar a novas construções, em alguns casos os jazigos podem ser realocados, mas de forma gerar são comprados e destruídos.

Como se mencionou no capítulo anterior, também as mudanças culturais e a evolução das práticas funerárias mudam com o tempo, diminuindo a importância do jazigo junto da sociedade, algumas comunidades podem optar por métodos de sepultamento diferentes, como cremação, reduzindo a necessidade de jazigos tradicionais.

Por último, algumas ameaças também bastante comuns são os desastres naturais, como enchentes, incêndios ou terremotos; assim como ações humanas, como vandalismo ou roubo de materiais valiosos.

A preservação dos jazigos depende inteiramente do interesse contínuo e dos esforços da comunidade, famílias ou autoridades locais para garantir a sua conservação e respeito pela memória dos falecidos. Pode envolver a implementação de políticas que facilitem a alocação de recursos para expandir os cemitérios ou a criação de alternativas acessíveis para as famílias. Essas soluções geralmente exigem uma abordagem holística e colaborativa para debater as diversas facetas do problema que nem sempre estas entidades tem interesse em abordar.

6. Conservação e Restauro

A restauração de jazigos é uma prática que envolve a preservação e revitalização de túmulos e sepulturas, buscando manter a integridade estrutural, valor histórico e respeito pelos falecidos. Este tema levanta questões éticas, culturais e legais, pois as decisões sobre a restauração de jazigos frequentemente refletem valores pessoais, considerações históricas e práticas funerárias locais. A análise cuidadosa desses elementos pode ajudar a determinar se a restauração é apropriada em um determinado contexto, considerando o equilíbrio entre a preservação do patrimônio, o respeito à memória dos falecidos e as nuances culturais que cercam essa prática.

Túmulos e jazigos muitas vezes têm valor histórico, refletindo a cultura, a arte funerária e os costumes de uma época específica, sendo necessário a sua conservação para preservar o seu patrimônio histórico; sendo que em alguns casos, a interferência pode não ser só uma questão de conservação, mas de necessidade, em casos de reparação de danos causados pelo tempo, condições climáticas ou vandalismo, para evitar a deterioração adicional da estrutura do jazigo e evitar lesionar algum visitante devido a estruturas instáveis.

A restauração pode ser vista também como um ato de respeito pelos falecidos, garantindo que os seus locais de descanso sejam mantidos em boas condições. Para algumas pessoas, a restauração pode ser uma maneira de reconexão com as suas raízes familiares, no sentido de aprender mais sobre os seus antepassados e a manter viva a história da família.

Por outro lado, há considerações contrárias que podem influenciar a decisão de não restaurar jazigos; os motivos monetários são uma das razões mais comuns, muitas vezes sendo um trabalho considerado caro e que envolve o uso de recursos considerados excessivos, especialmente se os recursos puderem ser direcionados para outras causas mais urgentes.

Outra razão com bastante peso é as culturas e crenças, muita das pessoas vê a deterioração natural dos túmulos como parte do ciclo da vida, sem a necessidade de intervenção humana; o jazigo deve ter “direito ao esquecimento”, isto é, o jazigo é uma extensão do cidadão que lá foi deixado e o intuito é ser deixado na sua paz.

Por outro lado, pode haver apenas o desejo de manter a autenticidade, muitos argumentam que a aparência desgastada de alguns jazigos faz parte da sua história e caráter únicos, que é o seu aspeto esbatido que lhes dá uma beleza morbidamente suave.

A decisão de restaurar jazigos geralmente envolve um equilíbrio delicado entre os fatores referidos, podendo variar dependendo das circunstâncias específicas e das perspetivas individuais e culturais, sendo que tudo acabará por se reger à vontade das famílias e das entidades responsáveis.

7. Contextualização Histórica dos Jazigos Escolhidos

Os jazigos, como locais de sepultamento, são de grande importância para as famílias, servindo como local específico de descanso dá um senso de continuidade e conexão à família, facilitando a prestação de homenagens aos entes queridos falecidos; tornando este local de visita um espaço de reflexão e oração, havendo uma conexão espiritual ao local de sepultamento integrada nas práticas religiosas e espirituais da família.

Porém estas construções servem outro propósito também, a preservação da história familiar, isto é, os jazigos muitas vezes contêm informações que permitem as gerações futuras aprender sobre os seus antepassados e a evolução daquela família ao longo do tempo.

Os quatro jazigos escolhidos para análise neste trabalho são do cemitério de Vilarinho, na freguesia de Lousã e Vilarinho, distrito de Coimbra, apresentam-se numerados de 1 a 4, consoante as suas fichas de caracterização, neste capítulo poderão não aparecer seguidos por ordem numérica por questões de melhor interpretação histórica.

O jazigo (1), dá a informação de ser de Cezar Henriques Lopes e sua filha Briatriz dos Anjos Henriques, do Covão, 1916, como se pode ver na figura 1; tendo os nomes e a localidade no jazigo facilmente chegou-se às pessoas mencionadas, tendo sido César Lopes vereador da Câmara da Lousã de 1884 a 1885^[7], casado com a governanta da Casa do Covão Maria da Natividade Baeta de Queiroz, pais de Biatriz Henriques que nasceu no Vilarinho a 3 de fevereiro de 1875, mas que tal como o seu pai não se sabe quando terá morrido, assumido que o jazigo terá o ano das suas mortes, obtemos a informação que terá sido no ano de 1916.^[8]



Figura 1: Inscrição no Jazigo (1). / Fonte: Foto tirada pela aluna.

O jazigo (3) menciona ser de uma “*Família de Francisco Baeta Pires*”, novamente “*Quinta do Covão*”, porém a numeração do ano nunca terá sido terminada ficando apenas “19”. Com a informação de que se tratava alguém do Covão e com a pesquisa previa do último Jazigo foi feita a ligação à família anterior, sendo Maria da Natividade irmã de Maria da Glória Baeta de Queiroz, casada com o dito Francisco Baeta Pires Serra^[9], que tal como o seu cunhado terá sido vereador da Câmara da Lousã dos anos de 1896 a 1901 e vice-presidente em 1906^[7]; sendo uma pessoa tão ilustre para a sua zona ficasse a estranhar a má qualidade da inscrição presente no jazigo, como se pode ver na figura abaixo.



Figura 2: Inscrição no Jazigo (3). / Fonte: Foto tirada pela aluna.

A conclusão a que se chegou foi que este Jazigo foi um aproveitamento, isto é, Francisco Serra, de acordo com a documentação, terá morrido já em 1959, com 99 anos, sendo estas edificações habitualmente mandadas fazer durante vida este teria tido bastante tempo, por consequência algo teria de ter acontecido para o facto de não ter havido tempo de acabar o trabalho, visto que apenas metade da inscrição se encontra feita de modo mais grosseiro e portanto não poderia ser defeito do construtor.

Foi nesta linha de raciocínio que se reparou que Francisco Serra terá tido um filho de mesmo nome, falecido em 1905, com apenas 14 anos, ficando assim a teoria que talvez a má qualidade da inscrição se deva à necessidade de uma solução rápida, uma vez que a utilização veio mais cedo do que esperado.

O jazigo (4) afirma no arco por cima da porta que é da “*Família Manuel. A. Baetas Queirós da Quinta do Covão*”, como se vê na figura 3; tal como se sucedeu nos casos anteriores trata-se novamente da mesma família, apenas um parentesco diferente, sendo Manuel Augusto Baeta de Queirós filho de Sebastiana Augusta Baeta de Queiroz, mais uma das irmãs Maria mencionadas anteriormente.^[10]



Figura 3: Inscrição no Jazigo (4). / Fonte: Foto tirada pela aluna.

Curiosamente a ligação entre irmãs não acaba aqui, sendo que na parede lateral direita deste jazigo se encontra a inscrição “*Mandado fazer por D. M. Nazareth Baeta em 1898*”; referindo-se a D. Maria Nazaré Baeta Queirós, tia de Manuel pela parte de sua mãe, sendo bastante habitual na época, sobretudo devido à maior esperança de vida, as mulheres as encomendadoras deste tipo de memórias sepulcrais.^[10]

O último jazigo (2) em estudo, apesar de se encontrar entre os outros jazigos sempre da mesma família, não apresenta qualquer tipo de ligação aparente com estes, sendo até de estilo mais pequeno. A frente é inteiramente em pedra sem aberturas, a inscrição em latim ocupa a sua fachada inteira, estando escrito “*Dilectissimo Avunculo suo Vicentio Ferrer Neto de Paiva Qui Die 28-6-1798 Natus; Die II-I-1886 Abdormivit in domino consecravit José Maria de Seica Ferrer*” (figura 4). A tradução do latim será aproximadamente: “O seu muito amado tio (materno) Vicente Ferrer Neto de Paiva que nasceu no dia 28-6-1798; no dia 2-1-1886 adormeceu na casa que consagrou José Maria Seica Ferrer”; sendo interpretado que o seu sobrinho José Ferrer, sendo possível confirmar o parentesco com cruzamento de informação do portal do ministério público, terá sido a pessoa responsável pela construção do jazigo.

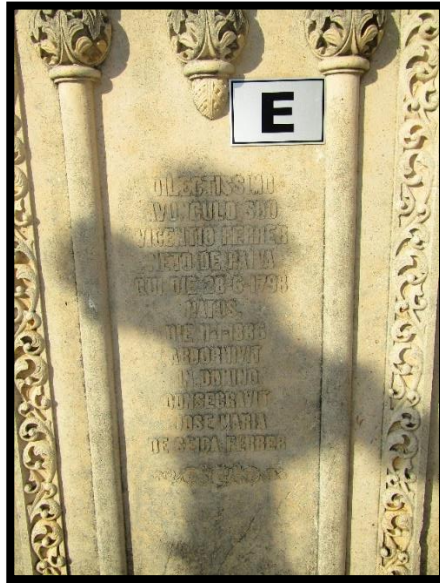


Figura 4: Inscrição no Jazigo (2). / Fonte: Foto tirada pela aluna.

O tio para quem ele mandou contruir este jazigo trata-se de Vicente Paiva (1798-1886), professor e reitor da Universidade de Coimbra, doutor em cânones, introdutor do krausismo em Portugal e importante defensor do jusnaturalismo, é considerado um dos principais responsáveis pela formação de toda uma geração de juristas e homens de Estado portugueses da segunda metade do século XIX. Enveredando pela política foi ainda presidente da Câmara Municipal da Lousã em 1822; no fim da guerra civil foi deputado e ministro da Justiça (1857), o seu papel tendo sido bastante relevante na reforma do sistema judiciário português; retirando-se da política apenas em 1870 com a *Saldanhada*.^[11]

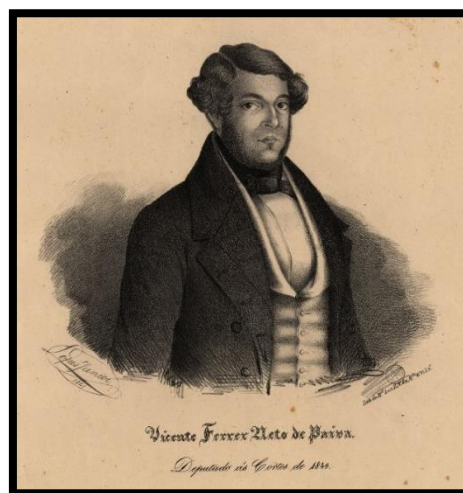


Figura 5: Retrato de Vicente Paiva em gravura. / Fonte: Foto <https://purl.pt/4448/3/>

Dos quatro jazigos analisados, todos tinham algo em comum, o facto de serem de entidades publicas ilustres, de famílias importantes e abastadas; ou seja, como mencionado anteriormente em zonas mais pobres em que jazigos são algo dispendioso, tanto naquela altura como nos dias de hoje, estes serão algo que mais e mais se deixará de encontrar com tanta facilidade, não por razões culturais ou religiosas, mas simplesmente por razões práticas.

8. Características Artísticas dos Jazigos

A arte tumular, refletida nos jazigos, oferece um fascinante panorama de expressão artística ligada à morte e à memória. Ao longo das eras, jazigos têm sido não apenas locais de repouso, mas também telas onde se desenha a narrativa da vida que passou. As características artísticas desses monumentos funerários variam significativamente, refletindo influências culturais, períodos históricos e crenças religiosas. Elementos arquitetónicos, esculturas, materiais e detalhes ornamentais contribuem para a riqueza estética dessas criações.

Os símbolos presentes na arte tumular, embora possam compartilhar semelhanças com outros campos artísticos, adquirem significados específicos nos túmulos, dependendo da época e do contexto social e cultural em que foram criados. Portanto, qualquer tentativa de interpretação pré-definida corre o risco de levar a conclusões equivocadas.

Nos túmulos construídos nos cemitérios portugueses durante o período Romântico, observamos uma prevalência de símbolos como flores e coroas vegetalistas, representações alegóricas, especialmente aquelas que simbolizam virtudes cristãs, animais específicos como o cão para expressar fidelidade, a cruz como símbolo da fé cristã, tochas invertidas, ampulhetas, e figuras inspiradas nos génios da morte da Antiguidade Clássica. Além disso, anjos de diversos tipos eram comuns, entre uma variedade de outros elementos simbólicos.

8.1 Jazigo 1

O Jazigo capela de Cezar Lopes e da filha Biatriz Henriques é estilo *Beaux-Arts* com decoração escultórica de linhas modernas e conservadoras, inspirou-se nos princípios do neoclassicismo francês, mas também incorporou elementos góticos e renascentistas.

Apresenta cornijas ricas em profundidade onde estão assentados acrotérios em caracol decorados com crisântemos, esta flor muitas vezes chamada margarida dos mortos é usada como representação de nós que nascemos, florescemos e morremos como as flores; encontramos ainda enriquecimentos esculturais com detalhes de folhas de acanto no arco ogival em torno da porta, estas folhas são um símbolo de imortalidade, estando ligadas ao Jardim Divino ou do Céu, uma vez a enfeitar o arco de entrada podemos interpretar que será uma referência aos falecidos estarem para lá dos portões do céu.

Estando este Jazigo perante uma síntese de estilos historicistas e a uma tendência ao ecletismo, estão presentes ainda alguns detalhes clássicos, como a simetria das formas, com duas pilastras junto do arco ogival que vão desvanecendo na pedra à medida que ganham altitude sendo quase ínfimo o seu relevo quando chegam à cornija.

Por cima do arco ogival da porta pode-se encontrar mais símbolos, esculpidos em baixo-relevo, havendo uma grinalda feita de variadas flores, todas elas com iconografias diferentes; rosas, onde a pureza representa o caminho espinhoso traçado durante a vida até a glória maior; novamente crisântemos e uma pequena flor-da-paixão (*Passiflora*), mais conhecida como flor do maracujá, em muitas culturas, associada a sentimentos de espiritualidade, tranquilidade e paz interior; na cultura cristã, a coroa de filamentos no centro da flor é vista por alguns como uma representação da coroa de espinhos usada por Jesus Cristo durante a crucificação, adicionando um significado espiritual à sua aparência singular, tendo sido os missionários e exploradores Espanhóis e Portugueses no século XVI, a batizar a flor de *Flos Passionis* ou *Flor de las Cinco Llagas*, Flor das Cinco Chagas. Até a cor da flor, principalmente roxa, lembrava a cor litúrgica da Quaresma.^[12]

Pousada, ocultando parte desta grinalda, está uma folha Palma, símbolo de luz e ressurreição. No Cristianismo é adotada como um símbolo do triunfo da Fé em Cristo sobre a morte e como atributo dos mártires. Santa Bárbara, Santa Rita, Santa Filomena, ou Santa Eufémia, entre tantos outros santos, são acompanhados de palmas.^[12] No mundo romano, relaciona-se também com vitória, porém no sentido militar, levada em procissões e festejos triunfais. No Antigo Testamento, a palma é chamada a representar os justos e os atributos da mulher, talvez uma escolha feita em memória de Cezar e Biatriz Henriques.

Pode-se ver ainda um laço mais abaixo, certamente uma referência aos laços entre parentes, uma vez que este é um jazigo familiar, como se pode ver na figura abaixo.



Figura 6: Símbolos esculpidos em baixo-relevo no Jazigo. / Fonte: Foto tirada pela aluna.

7.2 Jazigo 2

O Jazigo capela de Vicente Paiva (1798-1886), é de estilo neogótico, onde se notam a verticalidade, tendo um arco quebrado ou em ogiva, decorado com uma arquivolta quebrada com pouca decoração vegetalista, dentro desta podemos encontrar duas colunetas redondas onde poisam dois arcos ogivais mais pequenos, encaixando nestes um círculo, imitando um oculo, onde se encontra ao centro uma saudade (figura 7), uma flor cujo significado está no próprio nome, é muito comum nos cemitérios portugueses do século XIX e início do século XX.^[13]

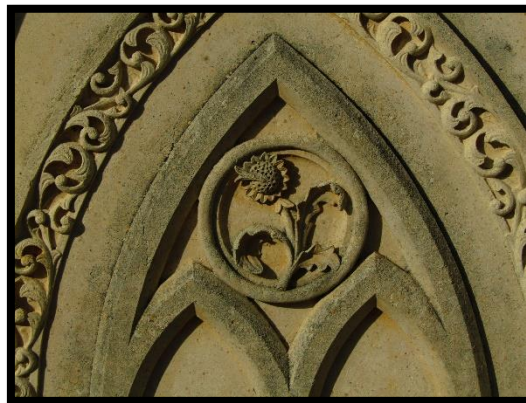


Figura 7: Símbolos esculpidos no Jazigo. / Fonte: Foto tirada pela aluna.

Acima do arco, num espaço criado devido à inclinação do telhado, está presente uma grinalda enfeitada novamente pela flor Saudade, estando conjugada com a Perpétua, sendo possível encontrar pequenos bolbos espalhados entre as folhas do arranjo; que numa leitura conjunta se poderá interpretar como “Saudade Perpétua” ou “Perpétua Saudade”.

Sendo muito rara a representação destas flores em contexto cemiterial fora de Portugal, havendo algumas exceções em monumentos fúnebres de portugueses e seus descendentes ou em países com grande influência portuguesa durante o século XIX.^[13]

Outra representação da saudade é o luto, pois sendo uma flor de tonalidade roxa vem de encontro com o roxo utilizado pelas viúvas no século XIX na cultura ocidental para o chamado luto aliviado (após o período de luto pleno, em que apenas era usado o preto, passavam ao período de luto aliviado em que era possível a utilização de outras cores, como o roxo, o cinzento ou o castanho).^[13]

No cimo da grinalda podemos encontrar uma ampulheta (figura 8), um símbolo utilizado na arte tumular como referência ao tempo que temos e utilizamos ao longo da vida, o fim do tempo da vida terrestre e o seu reinício em outro plano; sendo interpretada a sua junção há grinalda como uma menção “ao fim de um círculo”.

No século VI, as figurações da morte, do esqueleto ou do corpo em putrefação foram, progressivamente, substituídas por imagens simbólicas ou por objetos simples como a ampulheta e a foice, típicas da personificação do tempo e do caminho do homem para a terra.^[13]

A grinalda é enfeitada ainda por um laço, que poderá ser alusão aos laços de família e união, seguindo a ideia que o jazigo foi feito por um sobrinho para o seu tio. Seguindo um ideal mais místico, na Maçonaria, o símbolo conhecido como o “laço da união” aponta para os deveres na vida, uma espécie de ascensão espiritual mediadas pelos deveres humanos, sendo, portanto, a representação da união dos homens com o universo.



Figura 8: Símbolos esculpidos no Jazigo. / Fonte: Foto tirada pela aluna.

O jazigo é ladeado por dois pináculos, cada um numerado, tendo um 18 e o outro 88, fazendo referência ao ano de 1888, ano em que terá sido acabado de construir. No topo, ao centro, existe outro pináculo maior onde se encontra uma cruz, símbolo da fé cristã, representando então o cristianismo, algo que tem em comum com todos os outros jazigos, como se observa na figura abaixo.



Figura 9: Símbolos esculpidos no Jazigo. / Fonte: Foto tirada pela aluna.

7.3 Jazigo 3

No jazigo de Francisco Pires na fachada podemos encontrar duas colunetas quadradas a ladear a porta, com capiteis dóricos encimados por pináculos com cogulhos. A porta está cercada por um arco ogival com decorações vegetalistas, havendo entre o cimo deste arco e a porta um rendilhado com quatro pequenos arcos ogivais trilobados onde repousa um pequeno trevo. Fachada com óculo simples fechado com apenas algumas ranhuras retas em círculo para passar o ar, estando parcialmente tapado por um efeito em forma de pinha que está na ponta do arco ogival da porta (figura 10).



Figura 10: Estrutura do Jazigo. / Fonte: Foto tirada pela aluna.

É encimado por uma balaustrada rendilhada com três coruchéus, sendo o central com uma cruz; configurando-se assim como justaposição de estilos, com elementos da arquitetura clássica, do gótico e do manuelino. Não apresenta símbolos iconográficos sem ser a cruz.

7.4 Jazigo

O jazigo familiar de Manuel Queirós, apresenta uma arquitetura funerária revivalista neorromânica e neoclássica, com uma fachada rasgada por um portal côncavo, em arco de volta perfeita, de várias arquivoltas, sem decoração, muito simples, apoiados em duas colunas, assentes em plintos paralelepípedicos, de capitéis vegetalistas. As laterias do jazigo são assentes em dois pilares, decorados com folhas de acanto nas extremidades e no centro dentro de um medalhão simples oval as flores desta mesma planta.

No cimo temos um frontão triangular (figura 11) decorado ao centro com três capsulas de papoila, estas flores são associadas com o sonho, traído pela morte, no sentido de sono eterno; em cada lado destas flores podemos ver uma figura animalesca semelhante a um dragão, embutido no meio das folhas de acanto, o dragão na religião católica é muitas vezes visto como o triunfo do bem sobre o mal, porém este retrato é mais comum quando retratado sendo derrotado por São Jorge, por isso pode ser apenas uma escolha estilística.



Figura 11: Frontão triangular com símbolos esculpidos no Jazigo. / Fonte: Foto tirada pela aluna.

Pode-se encontrar no cimo do frontão duas urnas com uma chama no topo; a urna é associada à separação do corpo e do espírito, mostra que há uma custódia desse corpo velado e passa a mensagem de segurança, sendo que o manto que a enrola uma referência à tristeza que o envolve; a chama acesa faz referência à imortalidade, uma alma que não se apaga, mesmo diante da inexistência do corpo material (figura 12). Por fim, ao centro é coroada de uma cruz.

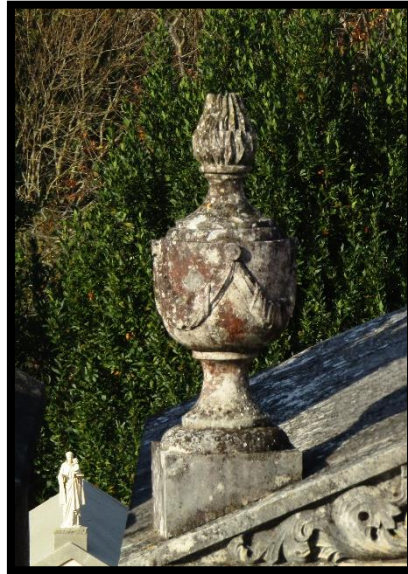


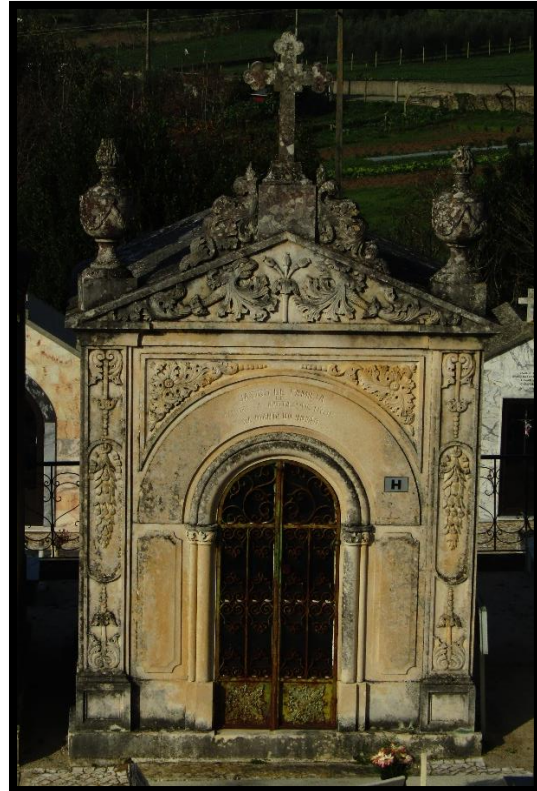
Figura 12: Peça escultórica do Jazigo. / Fonte: Foto tirada pela aluna.

9. Características do Sistema Construtivo

Todos os jazigos estudados estão integrados na tipologia de jazigo-capela, os jazigos 1, 3 e 4 apresenta planta longitudinal simples, interiormente pouco iluminado havendo paredes laterais com prateleiras para as urnas., sendo estes apenas aéreos, com portas de ferro forjado com alguns pormenores, como pequenas flores, de ferro fundido.

O jazigo 2, trata-se de jazigo misto, com prateleiras aéreas e subterrâneas, porém é difícil a sua confirmação sem a abertura deste, sendo apenas por uma questão de tamanho e estilo que se pressuponha, tendo duas portas de ferro forjado na parte de trás.

Os materiais utilizados para a construção destes jazigos foram a pedra de Ançã. As técnicas construtivas aparentam ser em alvenaria, os jazigos apresentam apenas pequenos relevos esculpido diretamente na pedra, não havendo presença de grandes figuras escultóricas, tratando-se mais de elementos decorativos florais, vegetalistas e geométricos, juntamente com o nome das famílias, localidade e dedicatórias, como se pode ver nas figuras abaixo.



Figuras 13, 14, 15 e 16: Jazigo 1 no topo esquerdo, jazigo 2 topo direito, jazigo 3 canto inferior esquerdo e jazigo 4 canto inferior direito. / Fonte: Fotos tiradas pela aluna.

10. Ficha de Caracterização

Fichas de características são documentos que contêm informações detalhadas sobre as características e especificações de um produto, local ou qualquer entidade específica, neste caso jazigos. A importância dessas fichas pode variar dependendo do contexto em que são utilizadas.

A referenciação do património assegura a sua proteção e ajuda a detetar objetos "desaparecidos" ou deslocalizados. Requerendo um olhar mais atento e detalhado sobre cada jazigo, manifesta casos de deterioração mais graves e aciona os respetivos procedimentos de intervenção. Por outro ponto de vista, em caso de vandalização, a existência das respetivas fichas de caracterização é um elemento determinante, não apenas para a recuperação do edifício, mas também para fazer prova da sua aparência anterior, fundamental para efeitos de denuncia junto das autoridades policiais, daí ser importante que estas reúnam fotografias e dados materiais.

Proporcionam ainda uma visão detalhada e estruturada do item, facilitando a compreensão das suas características essenciais; ajudando pesquisadores e outros interessados.

As fichas criadas para os jazigos estudados encontram-se no fim do trabalho nos anexos.

11. Conclusão:

Durante séculos, em Portugal, as igrejas foram utilizadas como locais de sepultamento. Contudo, no decorrer do século XIX, ocorreu uma transformação significativa com o estabelecimento de cemitérios públicos. Os jazigos neles presentes acompanharam os desenvolvimentos estilísticos contemporâneos durante o século XIX, abraçando o Simbolismo com entusiasmo,

O cuidado e a manutenção do jazigo, seja através da limpeza, colocação de flores ou outros gestos simbólicos, representam uma expressão tangível de afeto contínuo pelos entes queridos; desempenhando um papel importante na vida das famílias, oferecendo um local físico para expressar afeto contínuo, manter tradições, preservar a história familiar e fornecer um espaço significativo para reflexão e homenagem aos entes queridos que já partiram.

Por outro lado, a decisão de restaurar jazigos pode ser influenciada por considerações como o respeito à natureza efêmera da vida, o custo financeiro e ambiental da restauração e o desejo de preservar a autenticidade, representando um delicado equilíbrio entre esses fatores e as perspetivas culturais e individuais.

Os jazigos escolhidos são um exemplo nato das razões pelas quais é tão importante manter em boas condições estas estruturas, sendo que as fichas de características desempenham um papel fundamental na disseminação de informações precisas e detalhadas sobre uma variedade de entidades, sendo valiosas em diversos setores e contextos.

12. Bibliografia:

[1] Queiroz, Francisco & Portela, Ana Margarida «*O cemitério da Conchada-Introdução ao seu estudo*» MUNDA / Revista do Grupo de Arqueologia e Arte do Centro/ GAAC/ Nº37/ (maio de 1999);

[2] Costa, Miguel «*Legislação Atual Sobre os Cemitérios*» Ordem dos Solicitadores e dos Agentes de Execução / Revista Sollicitare/ Edição nº17 / (<https://osae.pt/pt/artigo/revista-sollicitare/1/1/4/9>)

[3] França, José-Augusto «*História da Arte em Portugal - O Pombalismo e o Romantismo*» / Editorial Presença / (2004);

[4] Dias, Pedro «*História da Arte Portuguesa no Mundo*» / Círculo de Leitores / Lisboa / (1999);

[5] Queiroz, Francisco Ferreira «*A encomenda de monumentos sepulcrais no período Romântico e o papel da mulher na construção da memória familiar*» Revista da Faculdade de Letras / Ciências e Técnicas do Património/ I Série. Vol. V-VI, pp.509-525 / Porto / (2006-2007);

[6] Santo, Marta Alexandra «*Espaço Cemiterial Moderno-Um estudo comparativo entre Abney Park e Conchada*» Dissertação de Mestrado em Arquitetura / Faculdade de Ciências e Tecnologia/ Universidade de Coimbra/ (outubro de 2020);

[7] «*Arquivo Histórico Municipal do Concelho da Lousã*» (2021) (Consultado no site: https://sites.google.com/site/arquivohistoricolousa/vereacoes_municipais / acedido a 15.12.2023);

[8] «*Cesar Henriques Lopes*» Sítio dos Parentes e Amigos de Ângelo Queiroz da Fonseca/ Geneanet/ (18/09/2023) / (Consultado no site: <https://gw.geneanet.org/aqf?lang=fi&p=cesar+henriques&n=lopes/> Acedido a 12.12.2023);

[9] «*Francisco Baeta Pires*» / Geneanet / (18/09/2023) / (Consultado no site: <https://gw.geneanet.org/aqf?lang=fi&p=francisco+baeta+pires&n=serra&oc=1> / Acedido a 12.12.2023);

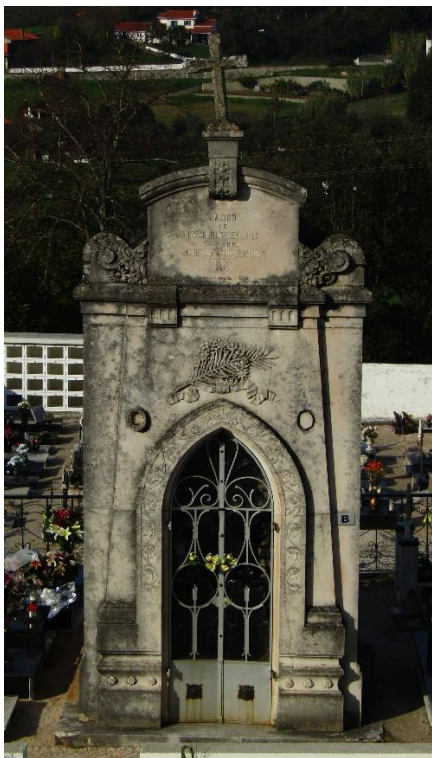

[10] «*Maria da Nazaré Baeta de Queiroz*» / Geneanet / (18/09/2023) / (Consultado no site: <https://gw.geneanet.org/aqf?lang=fi&p=maria+da+nazare+baeta+de&n=queiroz> / Acedido a 12.12.2023);

[11] Calheiro, Maria Clara Calheiro «*A filosofia jurídico-política do krausismo português*» Estudos Gerais - Série Universitária / Ciências Sociais e Humanas / Lisboa/ (2006);

[12] Monteiro, Gisela & Mesquita, Sandra & Gonçalves, Sara «*Flores de Pedra*» / Câmara Municipal de Lisboa / (2020) / (Consultado no site: Academia.ude./ Acedido a 05.01.2024);

[13] Hammer, Roger «*Everglades Wildflowers: um guia de campo para flores silvestres dos históricos Everglades including Big Cypress, Corkscrew, and Fakahatchee Swamps*» / Wildflowers in the National Parks Series / Falcan Editions / (6 de janeiro de 2015);

Anexos:

Ficha do Jazigo	
	<p>Identificação:</p> <p>Família/Pessoa: Cezar Henriques Lopes e sua filha Biatriz dos Anjos</p> <p>Povoação: Covão</p> <p>Financiador: Desconhecido</p> <p>Lote de campa: B</p> <p>Localização: Cemitério de Vilarinho</p> <p>Morada: N342 41, 3200 Vilarinho, Lousã, Coimbra</p> <p>Proprietário: Junta da Freguesia da Lousã e Vilarinho</p> <p>Caracterização:</p> <p>Tipologia: Jazigo Capela</p> <p>Época/Cronologia: 1916</p> <p>Estilo Artístico: Beaux-Arts</p> <p>Autor: Desconhecido</p> <p>Oficina: Desconhecido</p> <p>Materiais:</p> <p>Elementos: Ferro Forjado e Fundido, Pedra de Ançã, Vidro.</p>
	

Ficha do Jazigo



Identificação:

Família/Pessoa: Vicente Ferrer Neto de Paiva

Povoação: Freixo

Financiador: José Maria de Seça

Lote de campa: E

Localização: Cemitério de Vilarinho

Morada: N342 41, 3200 Vilarinho, Lousã, Coimbra

Proprietário: Junta de Freguesia de Lousã e Vilarinho

Caracterização:

Tipologia: Jazigo Capela

Época/Cronologia: 1888

Estilo Artístico: Neogótico

Autor: Desconhecido

Oficina: Desconhecido

Materiais:

Elementos: Ferro Fundido, Pedra de Ançã.

Patologias:

Material Externo: Incrustações, fungos, terras e poeiras.

Problemas de Superfície: Manchas, abrasão, desagregado, destacamento.

Problemas Estruturais: Pequena lacuna volumétrica na parte superior da ampulheta.

Elementos Acessório: Não possui.

Restauros Anteriores: Não possui.

Qualidade:

Excelente: Muito Boa: Boa: Regular: Fraca:

Data de Registo: 20.11.2023

Nº de Ficha: 2



Ficha do Jazigo



Identificação:

Família/Pessoa: Francisco Baeta Pires

Povoação: Quinta do Covão

Financiador: Desconhecido

Lote de campa: G

Localização: Cemitério de Vilarinho

Morada: N342 41, 3200 Vilarinho,
Lousã, Coimbra

Proprietário: Junta de Freguesia de
Lousã e Vilarinho

Caracterização:

Tipologia: Jazigo Capela

Época/Cronologia: Início do século
XX

Estilo Artístico: Neomanuelino

Autor: Desconhecido

Oficina: Desconhecido

Materiais:

Elementos: Ferro Forjado e Fundido,
Pedra de Ançã, Vidro.

Patologias:

Material Externo: Incrustações, fungos, terras e poeiras.

Problemas de Superfície: Manchas, abrasão,
desagregado, destacamento.

Problemas Estruturais: Oxidação dos portões de ferro,
fissuras na parede lateral direita.

Elementos Acessório: Não possui.

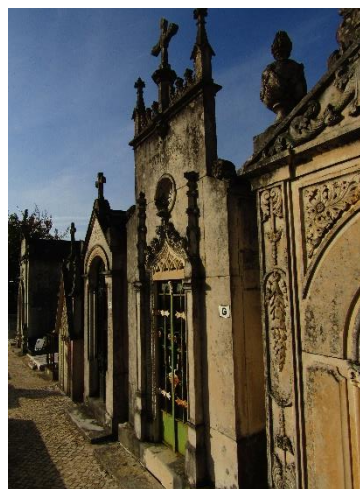
Restauros Anteriores: Portões com repinte.

Qualidade:

Excelente: Muito Boa: Boa: Regular: Fraca:

Data de Registo: 20.11.2023

Nº de Ficha:3



Ficha do Jazigo



Identificação:

Família/Pessoa: Manuel. A. Baetas Queirós

Povoação: Quinta do Covão

Financiador: D. M. Nazareth Baeta

Lote de campa: H

Localização: Cemitério de Vilarinho

Morada: N342 41, 3200 Vilarinho, Lousã, Coimbra

Proprietário: Junta de Freguesia de Lousã e Vilarinho

Caracterização:

Tipologia: Jazigo Capela

Época/Cronologia: 1898

Estilo Artístico: Neorromânica e Neoclássica

Autor: A. A. Lemos

Oficina: Coimbra

Materiais:

Elementos: Ferro Forjado e Fundido, Pedra de Ançã, Vidro.

Patologias:

Material Externo: Incrustações, fungos, terras e poeiras.

Problemas de Superfície: Manchas, abrasão, desagregado, destacamento.

Problemas Estruturais: Oxidação dos portões de ferro.

Elementos Acessório: Não possui.

Restauros Anteriores: Portões com repinte.

Qualidade:

Excelente: Muito Boa: Boa: Regular: Fraca:

Data de Registo: 20.11.2023

Nº de Ficha:4

